

Stadium

N.º 179 — 8 de Maio de 1946 — Esc. 2\$00

OLIVÉRIO SERPA (do Futebol Benfica)



O capitão do grupo nacional de Oquei em Patins que, em Montreux, se comportou gloriosamente.

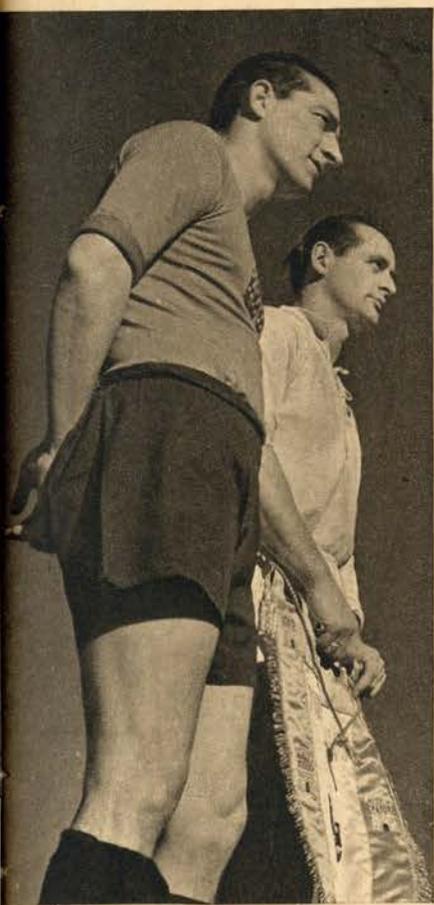


FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA



Artur Sousa capitaneou o «team» de Portugal várias vezes. Aqui o vemos, em grande plano, ao lado de Mineli, capitão da equipa suíça. Foi o último «grande jogo» de Artur, em grupos representativos do nosso país

ARTUR SOUSA, para muitos o melhor avançado português de todos os tempos, voltou aos campos de futebol. Com os seus 36 anos, o seu saber. Todos o receberam com extraordinária e justificada simpatia. O público, no Porto e em Lisboa, aplaudiu o simpático Artur sem restrições. Tal como se aplaude um ídolo.

Mestre Artur Sousa conseguiu um nome que não se esquecerá facilmente. Nem os novos, nem os velhos. Estes, especialmente, hão-de recordar por muito tempo os seus remates, impressionantes, as suas fintas, inimitáveis, os seus passes, irresistíveis — a sua alegria sempre viva e indelével.

O famoso «Pinga», vindo da Madeira quando tinha apenas 19 anos, ingressou no F. C. Porto em boa altura. Jogavam no seu futuro clube, então, Valdemar Mota, Acácio Mesquita, Alvaro Pereira, Avelino Martins, Carlos Mesquita, Lopes Carneiro... Artur Sousa, entre bons jogadores, foi depois o melhor de todos. Internacional pela primeira vez contra a Espanha, no Ameal, ainda como jogador do Marítimo do Funchal, conseguiu vestir a camisola nacional 23 vezes!

Já por diversas ocasiões se falou de Artur Sousa, na imprensa, e sempre para referências elogiosas. «Teria sido o melhor jogador de sempre»? As opiniões não são iguais. Mas, verdade, verdade, pode perguntar-se: «não seria de facto Artur Sousa o melhor avançado do futebol português?»

Mas o grande jogador, avançado centro ou interior, igualmente se tem exibido a médio centro e defesa. Dentro do seu clube, orientador indiscutível, o Artur adapta-se ao «que for necessário», e nunca se recusa a obedecer. Por isso mesmo, ausente cerca de um ano, por via de uma operação a que teve de submeter-se, sentiram a sua falta milhares de admiradores.

«O Artur já não poderá cumprir, por mais que o deseje». Era a voz corrente. No entanto...

Voltou há semanas. Por muito tempo? Só o próprio Artur o poderá dizer. Quando visitou Lisboa, na semana finda, para jogar contra o Sporting, em conversa de amigo para amigo, afirmou-nos:

— Quer dizer que não te falta «coragem» para a luta?

— Isso mesmo. Eu não estou preparado. Claro que o treino não é muito, por enquanto, e por isso não tenho os 90 minutos nas pernas.

— Quanto a saber...

— Sinto-me bem no desenvolvimento das jogadas. Umas com mais felicidade do que outras, mas isso acontecia nas minhas melhores tardes. O futebol nem sempre corre bem...

— Temos então Artur Sousa por muito tempo?

— Isso não! Esta época ainda aparecerei na equipa do meu clube. Depois... é tempo de me retirar. Com muitas saudades, posso garantir.

— Adeus ao futebol?

— Talvez não. No meu velho clube, o F. C. Porto, há com certeza «serviço» para mim.

— Como?

— Já disse que tenho paixão pelo futebol. Não serei capaz de me encarregar dos novos? Digo isto cá por coisas...

— Sabes alguma coisa...

— Nada. Posso pensar que o grande clube da minha vida precise de mim para qualquer coisa. E eu, que já me habituei a todas as andanças da bola, do clube, gostaria de «existir» por muito tempo para o futebol e para o F. C. Porto.

Artur, o magnífico Artur, deixa perceber, nestas palavras, os seus propósitos de se manter na organização. A jogar? Impossível, evidentemente. Um ou outro desafio, isso sim, de mais que o seu clube precisa do auxílio que lhe presta. Auxílio valioso, apesar de tudo.

Nesta palestra, como se verifica, não se pergunta ao Artur Sousa o habitual e mecanizado: de onde veio, como principiou, há quantos anos joga, as suas preferências... O grande homem do futebol português tem dito tudo ou quase tudo para o público. Já não há segredos. O seu nome e a sua classe foi glosada em todos os tons...

Mas algumas perguntas que lhe fizemos eram de extraordinária oportunidade. Todo o mundo queria saber se Artur Sousa ficaria por muito tempo — e aqui está o que ele nos pôde dizer, sem jeito de entrevista. Conversamos sempre sem medidas protocolares. Para quê?

Artur Sousa, infelizmente, está na hora da saída. E não há quem não sinta a sua retirada — o abandono de um homem que deu tardes de glória ao seu clube e ao futebol português.

Maravilhoso, este Artur!



ARTUR DE SOUSA



Artur Sousa, Adolfo Mourão, Gaspar Pinto e dr. Alberto Gomes, todos internacionais, na festa de despedida do segundo. O «Pinga» nunca se recusou a colaborar com os colegas que abandonam o futebol

Este grupo tomou parte na festa do sportinguista Mourão. O 2.º da esquerda é Artur Sousa, em boa camaradagem com Feliciano, que já treinou no F. C. Porto e é seu admirador incondicional



BELENENSES à cabeça

devido à brilhante exibição que realizou nas Salésias

A Jornada das Surpresas — Os mais fracos venceram os mais fortes — Felicitemo-nos todos por isso!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



jornada com o número dezanove da Primeira Divisão despertou a monotonia, para alguns espíritos, claro está, em que estava caindo a melhor

competição de todos os tempos. Houve um desafio grande, todos os encontros foram disputados com renhida energia e deram-se surpresas, isto é, os resultados que servem para animar as provas. Os desfechos que se aguardam deixam o adepto insensível; somente o faz vibrar aquilo que não se espera, e afinal sucede. Resultados que se apuraram:

Belenenses .. 1	— Benfica	0
Sporting 1	— Porto	0
Boavista 4	— Atlético	3
Académica... 2	— Vitória (G)...	0
Oliveirense.. 2	— Vitória (S)...	0
Elvas	2 — Olhanense ..	1

A maior consequência da jornada está à vista: o Belenenses subiu para o primeiro posto, e o Benfica desceu para o segundo lugar. Sejam quais forem as consequências futuras, não há dúvida de uma coisa: — que a melhor situação é a de aquele que segue à cabeça.

Embora não tenha influência na classificação, pelo menos, patete e notória, os triunfos do Boavista e da Académica, do Oliveirense e Elvas devem indicar que a luta tem feito bem aos concorrentes mais fracos, que aos poucos se vão aproximando dos mais fortes. Continuamos a defender a nossa máxima de que é a jogar que se aprende a jogar. E daqui não há que fugir. Nem fugiremos.

A Tabela tem a honra de nos apresentar os seguintes números: Belenenses 32 pontos (65-23 em bolas); Benfica 31 (68-24); Sporting 27 (59-39); Olhanense 25 (60-29); Porto 18 (59-39); Atlético 18 (32-50); Vitória Guimarães 16 (35-44); Vitória Setúbal 16 (40-51); Elvas 15 (37-68); Académica 13 (40-65); Boavista 10 (34-62); e Oliveirense 7 pontos (18-62 em bolas).

Não está ainda solucionado o problema do título. Mas talvez já



Feliciano detém um avanço de Júlio

no próximo domingo se saiba alguma coisa. Quanto ao caso do último e do penúltimo, pouco lucraram Boavista e Oliveirense, em virtude da Académica ter ganho. Quer dizer: a Académica pretende continuar na Prova e não se deixa afastar com facilidade. Acrescentaremos sinceramente que... ainda bem. Os estudantes têm um passado a defender e dão uma nota de graça e frescura à competição. Poderá acontecer que, em certos meios, não sejam vistos com bons olhos. Não importa. As capas negras estão, por direito próprio, na competição.

Os «artistas» belenenses na relva das Salésias



A pessoas que não vibram. Nós, então, entusiasma-mo-nos. Cada um tem o seu feitio e temperamento. Vem a propósito afirmar que há adeptos que, julgan-

do-se com responsabilidades, escondem as suas inclinações clubistas. Nós, não. Nunca dissemos que não somos aquilo que na verdade e em consciência somos. Tal não impede, porém, que preste-mos justiça a quem a merece. Ve-

mos todo um jogo, calados e inteiramente concentrados, mas isso não significa que o bom jogo, ou os triunfos de qualquer clube, não nos animem de uma vida nova. O futebol português, conjunto de clubes e jogadores, é superior a tudo, e como que tem vida própria. Numa palavra, acima de tudo a bola, com todos os seus encantos e até com todas as desilusões! Nas Salésias, o Belenenses conquistou-nos! Por amor da verdade, devemos declarar que também vimos vários benfiquenses subjugados pelo futebol de Belém, cujo team venceu e convenceu. As vezes, as vitórias são discutíveis. Mas se é sempre bom vencer, muito mais o é quando esse triunfo corresponde à superioridade em campo, e ao domínio territorial e técnico.

Falemos primeiramente da organização dos belenenses. A tática adoptada, no plano defensivo, foi a de sempre: o médio-esquerdo servindo de terceiro defesa, e os outros dois médios ao ataque, cobrindo o terreno dos interiores. Tática divulgada e conhecida. Mas o plano desenvolveu-se com tal mestria, que mais parecia improvisado do que estudado a bom estudar. É que os executantes conduziram-se admiravelmente. Todos, sem excepção, desde Vasco a Gomes, num conjunto harmonioso. Na verdade, nunca um homem do Belenenses deixou de estar no seu lugar, o que equivale a dizer que nunca, em circunstância alguma, um benfiquense deixou de ter a oportunidade vigilante de um contrário. Mas todas estas cinco unidades da defesa não se limitaram propriamente a defender, que, no fundo, sendo muito, representa metade da sua função, e passaram

da defesa ao ataque em uma perfeita coordenação de movimentos. Com tamanha facilidade, que até deram a impressão de se tratar de uma coisa fácil, tão simples e tão natural. Porque as coisas difíceis, quando executadas com mestria, esta é que é a verdade, têm sempre um ar de naturalidade que surpreende.

O Belenenses não se limitou a ter apenas um plano defensivo e pô-lo em prática. Como lhe cumpria, visto interessar-lhe o triunfo mais do que ao seu adversário, que ganharia na mesma com um êmpate, aproveitou todas as oportunidades para invadir o campo adversário e para atacar. Fe-lo com tal vigor, e tão boa classe, que o Benfica viu-se obrigado a concentrar-se na guarda das suas balizas, muito ameaçadas.

Pode dizer-se que a linha dianteira deu seguimento a todas as bolas que lhe foram confiadas e entregues. Ainda que o ataque andou permanentemente em busca do jogo, preferindo o movimento à inação. Não devendo esquecer-se, neste movimento, a intervenção tenaz, atilada e inteligente dos interiores, cada um dentro do seu estilo, um mais trabalhador e outro mais activo. Conjuguemos a sua acção com um centro cheio de mocidade e com os atrevimentos que dá a ingenuidade, e com dois extremos rápidos e de bons pés, e ter-se-à uma ideia da forma como actuou o onze de Belém.

Seria ir longe demais afirmar que o Benfica jogou mal, ou que se fragmentou, e daí uma hipótese derrocada. Não. Não houve derrocada, nem afundamento. Simplesmente, um grupo que encontrou pela frente outro que, em dia inspirado, lhe foi superior. Na primeira parte, o Benfica passou momentos de tormento. Basta dizer que o jogo recaiu geralmente sobre a sua defesa, e que o grupo não criou uma oportunidade de perigo para Belém. Apesar disso, os benfiquenses mantiveram a sua organização, não perdendo a serenidade. Concentraram-se na defesa, e aí jogaram as últimas. Com garra e um pouco de fortuna. O ataque viu-se entregue aos seus esforços, e mesmo obrigado a colaborar na defesa das redes. Depois, no segundo tempo, já os benfiquenses se deram mais ao ataque. Mas falharam neste capítulo, e quere-nos parecer que lhes faltou um orientador à altura das circunstâncias. Espírito Santo, o chefe ideal para o método e a vivacidade do Benfica, não estava em condições físicas para comandar com utilidade. Os interiores não sentiram, em certa altura, apoio, e o esforço dos extremos ressentiu-se destas deficiências. Posta a questão noutro aspecto, talvez não deva afirmar-se que o Benfica fracassou, mas será melhor dizer que o team encontrou na sua frente um adversário que lhe foi superior e o dominou, em todos os capítulos. Dia grande para o Belenenses, e jornada que conquista adeptos e simpatias. O desafio comportou o significado de uma verdadeira final, a todos os títulos bela e emocionante. Mesmo porque os jogadores se deram ao jogo e nunca pensaram em outra coisa que não fosse o futebol.

Capela realizou com boa nota todo o trabalho que foi chamado a desempenhar: servido pela sua estatura, saiu magnificamente a todas as bolas altas. Vasco esteve

muito atento ao jogo, não se enervando e pondo nas suas intervenções cuidada atenção. Feliciano transformou-se, mais uma vez, no verdadeiro pilar da equipa: segurança absoluta, despacho forte, agilidade, jogando por igual de rasteiro e por alto.

Está uma defesa que não tem rival, e ao cotejá-lo com os grandes do passado, não perderá no confronto. De Amaro só deve exaltar-se a sua acção, animoso e enérgico, mesmo com frescura, de passe exemplarmente medido. Grande número de jogadas saíram dos seus pés. Gomes, além de activo, melhorou consideravelmente em relação a outros jogos. O amparo dos laterais não deve ser indiferente à sua actuação. Serafim sobe a encosta a passos

O resumo dos outros encontros



AREMOS agora um resumo dos outros encontros, bem curiosos, por sinal, já que o espaço mais nem melhor nos consente. Há, portanto, que nos sujeitarmos

às condições que nos são impostas.

O desafio disputado no campo do Bessa é de aqueles que nos deixam estupefactos. Os lisboetas dominaram em toda a primeira parte, e os três goals não mentem, trata-se de bolas marcadas com toda a justiça e traduzindo domi-



Martins lança-se com valentia aos pés de Andrade

sólidos, e afigura-se-nos que a internacionalização auxilia a escalada. Armando, rápido e vivo, desmarcou-se com excelência, e forjou ocasiões de perigo para o adversário. Quanto a Quaresma, deverá dizer-se que foi o mais regular dos avançados; que, óptimo condutor, soube receber, mas principalmente soube dar jogo. Andrade é um novo que vem afirmando-se jogo a jogo, e não lhe faltam qualidades. José Pedro deunos os lances mais vistosos, de domínio e condução da bola. Rafael, nem sempre aproveitado como deveria ser, não destoou do magnífico conjunto.

O Benfica teve em Martins um elemento que se alagou de suor, defendendo muito e quase sempre muito bem. Cerqueira batalhou com denodo e desbaratou muito jogo, acabando extenuado. Teixeira procurou acompanhar o ritmo do seu companheiro, nem sempre o conseguindo. Jacinto, com uma primeira parte esplêndida, de golpes vigorosos para a frente, abrandou depois um pouco. Moreira esteve longe do que é capaz e do que tem feito de outras vezes. Francisco Ferreira, como sempre, de invulgar dedicação e persistência. Mário Rui, eis o avançado de melhor rendimento: rápido, de bons pés, variando os lances. Arsénio, com algumas coisas boas e outras francamente inferiores. Espírito Santo chegou a dar-nos a sensação de que iria dar-nos um grande jogo, mas logo teve de ceder, fisicamente. Júlio, mais apagado que de costume, e Rogério, sem aplicar ou sem poder aplicar as suas estupendas qualidades. E aqui está um caso curioso de jogador.

A arbitragem do sr. Vieira da Costa, não isenta de erros, foi séria e serena, justa e imparcial, sem se deixar influenciar pelas questões de fora ou de dentro do campo.

assinem a STADIUM

Stadium

nio. Neste primeiro tempo, por causa de uma decisão do árbitro, Augusto Pacheco, de Aveiro, deu-se uma pequena revolta no campo boavista, que acabou com a expulsão de Serafim.

Já serenados os ânimos o segundo tempo, e quando se aguardava o total domínio dos lisboetas, os portugueses conseguiram 2-3, aos cinco minutos, acabando por vencerem num golpe de sorte e merecido de decisão do juiz de campo, também contestada. Enfim, um jogo fraco como *association*, vivendo mais de rasgos individuais do que do conjunto.

O Vitória de Guimarães caiu em Coimbra. Jogou razoavelmente: *team* equilibrado, a sua base é a de conjunto. Mas os jogadores não devem abusar das passagens, porque todos os abusos são prejudiciais. A *passagem* é um meio de bater o adversário e criar a situação de *goal*. Pelo contrário, a Académica, com menos filigranas, foi mais eficiente e rápida nos remates. A sua decisão deu-lhe o triunfo, ainda que o grupo acusasse falhas de ligação. A defesa da Académica portou-se muito bem.

A vitória do Oliveirense deve festejar-se como indicio de progresso por parte do campeão de Aveiro. Foi na verdade o triunfo daquele que jogou melhor, e que soube aproveitar dois lances para vencer. O domínio exercido pelos oliveirenses foi grande, e nem a redução para dez unidades (lesão casual do ponta direita) quebrou esse ritmo. Quando os setubalenses reagiram, dando o peito, deram à partida outra feição, mas não fizeram esquecer a melhor ligação do seu adversário. Não deixa de ser curioso verificar-se que os rapazes de Oliveira de Azeméis marcaram os *goals* em período em que estavam a jogar menos. Nada há como o futebol de profundidade.

Para o fim — fica a surpresa de Elvas, se assim se pode chamar. Temos para nós que todos os en-

Começou ontem a disputar-se

a VI Volta a Espanha

VENCENDO dificuldades sem conta, umas resultantes da própria organização — grandiosas sem dúvida — e outras provocadas por factos imprevisíveis, como sejam o encerramento da fronteira franco-espanhola, que tornou impossível a deslocação dos corredores franceses; a recusa extemporânea dos belgas e ainda a falta de transportes, o jornal «Ya» conseguiu mesmo assim dar seguimento à sua arriscada iniciativa de promover a VI Volta a Espanha em bicicleta, prova que fica sendo a mais longa e a mais difícil competição velocipédica da presente temporada.

Nesta corrida, que principiou ontem com a lizada Madrid-Salamanca, tomam parte 32 estradistas espanhóis, 6 holandeses, 5 suíços e os portugueses João Rebelo, João Lourenço e Aristides Martins, do Sporting, e Manuel Rocha e Jorge Pereira de luminante.

As hostes castelhanas reúnem o que há de melhor no desporto de pedal do país vizinho. Langerica, mercê dos seus três recentes triunfos e da magnífica «forma» que tem patenteado nos últimos tempos, reúne o favoritismo da crítica, pensando-se que será capaz de repetir a proeza de Gustavo Deloor, vencedor da primeira e segunda voltas; Julian Berrendero, que triunfou na terceira e quarta, e Dello Rodriguez, herói da última competição, disputada em 1945. São ainda apontados como possíveis vencedores para a corrida de agora o pequeno Vicente Trueba e Bernardo Ruiz, o malorquês Guel e o catalão Gimeno.

Dos suíços — tudo gente nova, ainda sem grandes proezas no seu activo, mas sendo já magníficos atletas resistentes e sabedores — ninguém ouse fazer prognósticos, se bem que se suponha serem eles capazes de se evidenciarem nas etapas montanhosas do norte.

Nos holandeses, espera-se que Vlamerenk, antigo corredor de Volta a França, faça valer a sua experiência e as suas belas qualidades de rolador e de ciclista rápido, tanto mais que terá a empenhamento um grupo de jovens possantes e disciplinados, reunidos, segundo dizem os jornais, em regime de equipe nacional.

Partiram os estradistas portugueses para Madrid animados de forte desejo de justificarem a honra da

selecção, se bem que todos reconhecem quanto será difícil a sua tarefa, iniciada já hoje com a travessia da Serra de Guadarrama — primeiro escolho da grande prova espanhola. Sentim os lusitanos, ao partir de Lisboa, que os adversários possuem classe firmada e reconhecem também que iam lutar numa prova de características bem diferentes das que lhes são familiares — com quilometragem e uma sequência de etapas só possíveis de comparar a Volta à França. Todavia, o que mais impressionava os portugueses, quando deixaram a capital, era sem dúvida a falta de homogeneidade da sua equipa, que sendo, já de início, a menos forte de todos os agrupamentos que actuaram em Espanha em prova de conjunto, ainda mais frágil ficou com a exclusão de José Martins, por incapacidade física, e a falta de Fernando Moreira e Júlio Mourão, estes por não poderem deslocar-se.

Modelidade que por vezes parece filha bastardo dos desportos nacionais, tais são as pelias que entram a sua expansão, o ciclismo terá contudo nesta Volta a Espanha um núcleo de representantes cheios de boa vontade. Assim o depreendemos das palavras que lhes ouvimos à partida, em tom de desculpa antecipada por possíveis resultados que não venham a satisfazer em absoluto aos desportistas da sua terra.

João Rebelo, por exemplo, afirmou que tentará justificar que em 1945 poderia ser, afinal, quinto, em vez de sexto classificado. João Lourenço, em jeito de declaração peremptória, a deixar transparecer confiança, disse-nos que as coisas estavam afinadas e portanto que poderia esperar-se algo de interessante. Aristides Martins, não se amedrontando com as dificuldades, procurou estar à chegada a Madrid. Manuel Rocha — radiante mas nervoso por ver satisfeita a sua maior aspiração — esclarece que só por motivos muito fortes deixará a prova e Jorge Pereira afirma que tentará provar que é capaz de completar uma corrida difícil como a Volta a Espanha.

É motivo de muita satisfação para nós verificar, no final desta Volta, — que possui uma maior valia técnica que a de 1945 — serem afinal justificadas as aspirações dos nossos representantes. Porque se isso suceder, bem digno será da admiração dos portugueses esse núcleo de cinco estradistas, que à hora da nossa revista principal a circular devem estar alinhados para o pequeno mas difícil lizada Salamanca-Bejar, a disputar contra-relogio.

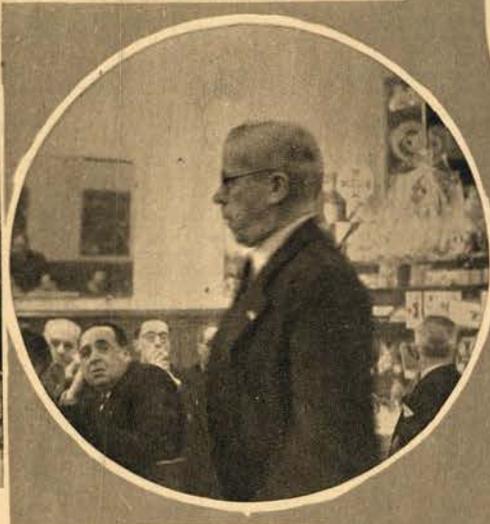
Gil Moreira

«Stadium» e a Volta a Espanha

Seguiu ontem para o país vizinho o nosso prezado camarada Gil Moreira, que procurará seguir a «Volta a Espanha» em bicicleta e transmitir aos nossos leitores, tanto quanto possível, notícias da grande prova.

O BENFICA

confraterniza



O Benfica é uma instituição nacional. O seu prestígio projecta-se incessantemente no bom nome do desporto, dentro e fora das fronteiras, e os seus dirigentes, como os seus atletas ou simples associados, não perdem nunca a ocasião de o elevar cada vez mais.

Isso pôde ver-se mais uma vez. Este 42.º aniversário, comemorado seu espavento, mas com firmeza, deu-nos a justa medida da sua popularidade. Muitos nomes com mais de 25 anos de casa, e ainda a presença nesta festa, das melhores figuras directivas, como Ribeiro dos Reis, Cândido de Oliveira, Raul de Oliveira, Rebelo da Silva, António Sequeira e Tavares da Silva; de Cosme Damião, uma glória da colectividade; António Sobral Júnior, sócio n.º 1, Manuel Afonso, brigadeiro; Tamaguini Barbosa, presidentes da Direcção e da Assembleia Geral, e mais, outros mais, afirmaram a imortalidade do Clube.

Encerrou-se em beleza o ciclo de festas do 42.º aniversário do Benfica, do popularíssimo Benfica. Documentamo-las nesta página, onde se apreciam, de alto a baixo, e por ordem dos números inscritos, fases dos discursos proferidos por Manuel Afonso, presidente da Direcção, brigadeiro Tamaguini Barbosa, presidente da Assembleia Geral, António Sobral Júnior, sócio n.º 1, Cosme Damião o nome querido dos benfiquistas, António Sequeira, nosso camarada da Imprensa, professor João Pedro Moreira, dos mais antigos da colectividade e, por fim, um aspecto da assistência ao banquete.

E até para o ano — pode dizer-se. O Benfica comemorará então 43 anos. E muitos outros, pelo tempo fora. A colectividade vive na alma do público, que o estima, como bom adversário, ou que o aplaude com decidido e franco entusiasmo. Ninguém aplaude melhor que os apaixonados do glorioso clube!



vitoria do SPORTING pela tangente



Barrigana foi um admirável guarda-rede, contra o Sporting. Mas não pôde evitar o primeiro e único tento dos «leões»...



Na marcação de um canto, Barrigana deixa passar a bola, mas Guilhar consegue devolvê-la, de cabeça.

O feriado 3 de Maio foi aproveitado para a efectivação do encontro Sporting-Porto no estádio do Lumiar. Quando o campeão do Norte desce a Lisboa é sempre um acontecimento de relevo. A visita alegre a capital! Desta vez, havia também o interesse do grupo se apresentar reforçado. Entraram no campo Guilhar, Catolino, e esse inolvidável Sousa (Pinga)...

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Veríssimo, Barrosa, Juvenal, Jesus Correia, Pacheco Nobre, Peyroteo, João Cruz e Albano.

Porto: Barrigana, Camilo, Guilhar, Anjos, Romão, Alfredo, Lourenço, Araujo, Correia Dias, Sousa (Pinga) e Catolino.

Árbitro: J. J. Trindade, de Setubal.

A síntese do encontro dá-se em breves palavras: os leões jogaram com magnífico entusiasmo, na nítida preocupação de apagar em a tristeza da derrota contra o Benfica, e a sua organização surgiu com mais equilíbrio. Perfeita? Longe de isso. O conjunto acusa faltas sensíveis, em vários aspectos. No plano da tática, e individualmente, isto é, porque algumas unidades não estão ao nível que se require. Pondo em destaque as deficiências, parece-nos que prestamos um melhor serviço ao Sporting do que ocultando o mal. De resto, mantemos a opinião de que o clube não poderá fazer outra coisa que não seja o melhor arranjo possível no momento que atravessa, e preparar-se para o futuro, mas para isso a massa associativa tem de acostumar-se a alguns reveses. Tem de se acostumar, é certo, mas não se acostumará...

No entanto o Sporting fez uma razoável exibição contra os portuenses, mostrando-se a linha medular mais apta do que nos últimos tempos. Acima de tudo brilhou o médio Veríssimo. Descontando a circunstância dele ter a sua tarefa facilitada (captou muitas vezes a bola sem nenhum adversário ao pé num raio de dez metros), foram de sua iniciativa a maioria dos ataques, cruzando o jogo ou alimentando a sua asa. Os melhores golpes pertenceram aos leões, e o seu triunfo aparece com uma legitimidade que certamente ninguém contestará.

O Porto não chegou a atingir a bitola digna de si próprio. Insistimos mais uma vez em que um team não pode funcionar, com êxito, claro está, com uma linha média de três jogadores que não conjugam os seus esforços, e o que é mais, mostrando algum ou alguns deles manifesta incapacidade. Ao contrário do que vêem quase todas as pessoas, parece-nos que o avançado-centro está a ser queimado pelas condições em que a luta se desenvolve, e o ataque não mostra a força de preparação suficiente para se impôr. A asa esquerda não existiu, e os reflexos disto no conjunto devem ter-se em conta...

Já quanto à defesa, que começou indecisa mas subiu à medida que o tempo passava, é de nosso dever acentuar que os seus elementos estão à altura da categoria do campeão do norte. Arbitragem muito inferior. Jogo correcto, o que abona o cavalheirismo dos elementos que tomaram parte no encontro.



Peyroteo atira de cabeça, às redes portuenses, observado por Camilo. Barrigana está com atenção, e defenderá!



Azevedo, lançando-se a tempo, devolve a bola com os punhos

CERTO jornalista desportivo norte-americano declarou aos seus leitores, um belo dia, que os profissionais do boxe — cuidadores, treinadores, empresários e pugilistas — constituíam uma sociedade anónima inimiga da espécie humana.

Para confirmar a sua ousada afirmativa citou dez ou doze casos diversos, de indivíduos estropeados ou mortos em consequência da prática assídua do jogo do soco.

É claro que chocaram bastantes protestos contra a heresia do sujeito. Uns, servindo-se de estatísticas, conseguiram demonstrar que o pugilismo é mais inofensivo que os passeios às horas ou a equitação; outros punham em paralelo as vantagens obtidas com a prática — desenvolvimento da coragem, da resistência, do espírito de luta, etc. — e concluíam absolutamente o contrário.

O caso ia-se pondo feio para o jornalista Mac Lemore, mas, felizmente, acabou por esquecer.

Em boa verdade, o boxe afigura-se-nos, em noventa por cento dos casos, como uma modalidade da agressão corporal, espécie de pugilato permitido por lei.

Ultimamente um jornal americano, talvez puritano e quaker em demasia, mas, no fundo, com o sentido da oportunidade, abriu um interrogatório aos leitores. O depoimento mais cabal e desasombroso partiu dum médico, o Dr. W. J. Willich, director de Higiene e Saude do State College de La Crosse (Wisconsin).

É a condenação formal dum desporto sob o triplo aspecto: científico, moral e social!

A controvérsia entre os defensores e os detractores do pugilismo acendeu-se novamente. Em quase todos os jornais voltou a debater-se o problema: «É ou não o boxe um desporto?»

Quando a nós, parece-nos que poderia sê-lo se fossem orientados os seus praticantes no sentido de o cultivarem como uma esgrima de punhos em vez de o aplaudirem como pugilato desordenado.

Aqui se encontra o ponto nevrálgico do problema.

R. B.

FUTEBOL

O campeonato das Ligas Inglesas

DEPOIS do jogo final para conquista da Taça de Inglaterra apenas se aguardam os resultados de dois ou três desaios importantes, entre os clubes mais classificados, para decidir os vencedores das Ligas e com eles dar por finda a época do futebol.

O Derby County perdeu em Southampton por 4-2 contra o clube do mesmo nome, fazendo uma exibição fraca, mas, até certo ponto, compreensível. Depois da vitória de Wembley, culminante e difícil, é lógico que o grupo de Midlands se tenha desinteressado um pouco do desafio, tanto mais que as possibilidades de vencer na Liga Sul já eram escassas.

Carter não alinhou por motivo de luto e Doherty, embora se tenha esforçado, não conseguiu inflamar a linha dianteira do seu grupo.

No mesmo dia o Charlton empatava com Birmingham a zero tentos. Pode dizer-se que Ditchburn, um guarda-redes de empréstimo, salvou o Birmingham duma derrota certa ao desviar um tiro segado, magistral, que Bert Johnson disparou.

O Aston Villa concluiu a sua tarefa ganhando ao Millwall por 2-0 e completando os 42 jogos previstos do torneio. Nesta data (4 de Maio) encontra-se à frente com 61 pontos.

O Charlton voltou a perder com o Derby por 3-1. Este segundo encontro, a quatro dias de vista da final de Wembley, foi presenciado por milhares de espectadores, ficando cerca de cinco mil no exterior do campo a «ouvir» os acontecimentos.

No sábado findo Charlton jogou contra Wolverhampton, no seu terreno, e Birmingham visitou o Luton. São os derradeiros jogos e que decidiram o vencedor da Liga Sul.

No caso de ambos estes clubes terem obtido vitórias, a classificação far-se-á pela média de tentos, já que Aston Villa, Charlton e Birmingham somarão 61 pontos cada.

Na Liga Norte, o Sheffield United ficou aprovado campeão, conforme previmos. No entanto, deve-se à circunstância do Everton, seu rival mais próximo, ter perdido fora de casa com o Burnley, por 1-0, o manter a vantagem de 3 pontos. Porque, na mesma tarde e condições, o Manchester City bateu Sheffield por 2-1!!!

O terceiro classificado, Bolton Wanderers, ganhou a Liverpool por 1-0, aumentando a pontuação por 51 pontos e firmando-se no lugar que ocupa.

TÉNIS

EM FRANÇA

O tenista francês Destremaux ganhou há dias o torneio internacional de Pau na prova «singulares».

Durante as meias-finais o bem conhecido Cochet eliminou Pierre Pellizza por 10/8, 6/2, 6/1, e Destremaux venceu Bernard por 7/5, 6/4, 6/2.

Na final, Destremaux liquidou as pretensões de Cochet com facilidade, ganhando por 6/1, 6/4, 6/2.

NA INGLATERRA

PROSSEGUE o campeonato britânico de terra batida. A revelação mais notável que se registou até agora é também a mais triste. Trata-se dum excelente tenista, Peter Hare, de 25 anos, cujo aparelho circulatório o impede de sustentar esforços físicos rudes e prolongados.

Hare possui óptimas qualidades, conforme demonstrou contra Jack Harper. Perdeu os dois primeiros jogos da partida inicial, mas, depois, conquistou os cinco seguintes de maneira brilhante. Uma brusca insuficiência cardíaca fê-lo suspender a acção a dois pontos, apenas, do décimo jogo.

A vitória do jogador australiano, por 7/5, 6/3, 6/1, pode atribuir-se exclusivamente à inferioridade física do seu adversário.

Derek, Barton e Mac Phil continuam na brecha, a caminho das meias-finais.

ATLETISMO

Sydney Wooderson, corredor de «fundo»

SYDNEY WOODERSON, o brilhante recordista inglês da milha e meia-milha, abandonou em definitivo estas distâncias, passando a preparar-se para a légua e as 3 milhas.

Tendo passado o cabo dos 31 anos, Wooderson espera concorrer ainda, em 1946, à maioria das competições importantes continentais e britânicas.

Assim, decidiu participar nos campeonatos da Europa (Oslo, 23 a 25 de Agosto); Suécia (Estocolmo, 27-30 Agosto); Praga (7-8 Setembro), e Turquia (10 de Setembro).

Interrogado pelos jornalistas,

fez as seguintes declarações: «Receusei uma oferta vantajosa de correr contra os atletas americanos. Mas, sou amador e, por conseguinte, posso ir aonde me agrade e preferir as distâncias que igualmente me apeteçam. Vou principiar a minha preparação e estou certo de me encontrar em forma no princípio de Agosto».

Um novo recorde no «disco»

O poderoso atleta italiano Consolini atirou em Roma, durante uma competição, o disco à considerável distância de 54,23 metros.

Se for homologada oficialmente, constituirá o novo máximo mundial.

EM ESPANHA

OS dois irmãos Aldo e Lívio Minelli, excelentes pugilistas italianos, continuam a mostrar «classe» durante a gira que fazem por Espanha.

O último combate realizou-se em Barcelona, entre Lívio e o valenciano Beltrán. No fim dos oito assaltos previstos, o árbitro declarava o encontro empatado, apesar da evidente superioridade do estrangeiro. O público, embora fazendo justiça ao vigor e tenacidade de Beltrán, aplaudia Minelli, protestando contra a decisão.

Dias antes, em Valência, o marroquino Ben Buker era anunciado vencedor de Aldo, por pontos, perante o assombro dos espectadores.

Apesar de algumas vezes ter reagido com brio, o mouro jamais conseguiu impressionar o italiano, pelo que o resultado está longe de corresponder à verdade.

Uma derrota do campeão inglês

JEAN WALZACH, o segundo melhor pugilista francês dos «meio-medios», conseguiu derrotar em Londres, no Albert Hall, o campeão de Inglaterra dessa categoria e da superior, Ernie Roderick.

O britânico dominou até ao 5.º assalto, esgrimindo com calma e economia, mas em seguida faticou-se. Os dois últimos assaltos pertenceram indiscutivelmente ao visitante, que puniu com severidade o rosto do campeão inglês. A decisão por pontos, conquanto justa, foi obtida à custa de uma margem pontual muito restrita.

Na mesma noite, Teo Medina deixou-se vencer pelo pugilista guianês Cliff Anderson, cujo trabalho metódico e bem calculado supriu outras deficiências de vigor e estilo.

Nova vitória de Cerdan

MARCEL CERDAN, o potente campeão europeu dos «meios», pôs fora de combate em 4 minutos e 20 segundos (2.º assalto) o inglês Joe Brown, na cidade de Nice.

Kid Tunero em Espanha

O pugilista cubano Kid Tunero encontra-se ainda em actividade. Brevemente será oposto a Areeniega ou a Rodri, segundo consta nas gazetas.

Tunero tem actualmente 36 anos e já passou a melhor quadra da sua vida de pugilista; no entanto, possui experiência e robustez para dominar a juventude ambiciosa.

LUTA

Um português em Espanha

JOSÉ LUÍS, o pugilista português que trocou as luvas pelo tapete de feltro, deixando o boxe para se especializar em luta livre, continua a ganhar aos seus adversários espanhóis.

No torneio que actualmente decorre em Barcelona, José Luis ocupa o primeiro lugar. A mais recente vitória obteve-a sobre o madrilenho Mouchet, a quem pôs no sobrado ao terceiro assalto.

O torneio compreende 12 atletas de peso-médio, onze dos quais são espanhóis.

Ainda não foi nomeada, pelo menos, na altura em que escrevemos, a nova Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol. Estão em exercício, apenas, os srs. drs. Facco Viana e Mário de Oliveira, e é justo reconhecer que têm acarrelado com o pesado fardo federativo com a maior das empenções e uma dedicação que cumpre ao futebol registrar. Eis dois dirigentes que, sem desnecessários espaventos, se têm afirmado dois valores positivos.

Já é do domínio público! Cândido de Oliveira entrou para o Sporting, diz-se, como orientador técnico da secção de futebol do clube, no fundo como dirigente único do futebol sportingista.

Sabe-se que, por enquanto, o dr. Abrantes Mendes ficará no cargo de treinador. A notícia foi recebida com viva curiosidade pela população clubista, visto se sentir a necessidade de uma figura apta a dirigir, orientar e traçar planos futebolísticos. A influência de Cândido de Oliveira, estamos certos disso, vai fazer-se sentir no futebol leonino.

O problema das arbitragens está sempre na ordem do dia! De quando em vez deparam-se nos arbitragens que provocam a mais viva surpresa: — Como é possível, ainda, dirigirem-se em contra de tal forma?

Referimo-nos aos desafios disputados na passada sexta-feira, no Lumiar, Sporting-Porto e Sporting-Fósforos, qualquer deles dirigido com deficiências sem conto, e em orientação que exerceu influência no desfecho das partidas. Muito se tem de trabalhar em Portugal no capítulo da arbitragem!

Brevemente, com certeza na próxima semana, a selecção portuguesa de futebol voltará ao regime dos treinos. Julgamos saber que o seleccionador nacional retomará essa preparação, pondo frente a frente o onze português e um misto de jogadores com probabilidades de chegarem a internacionais.

Nada se sabe do Portugal-Espanha, que não tem ainda a data fixada. Mas o Portugal-Irlanda, a 16 de Junho, está absolutamente assegurado.

A África tem dado nos últimos tempos muitos jogadores aos principais clubes do continente. Antigamente, os grandes clubes mandavam jogadores para a África, e agora vêm de lá reforços. A sorte coube, desta vez, ao Sporting. A sua filial do Lobito vai enviar-lhe um valor. Ainda bem, caso se trate de um jogador de futuro.

Separata:
"Biografias desportivas"

Stadium

Há resposta para tudo...

P. 366 — Sbarra, o jogador que joga em Famacião, é o mesmo que esteve no Estoril? Ele não foi para o seu país? (Um amor da bola).

R. 366 — O mesmo, em carne e osso.

P. 367 — Eu mantenho a opinião de que Artur de Sousa (Pinga) poderia ser ainda internacional. Não acha que é melhor do que os outros que alinharam? (Um adepto de Ovar).

R. 367 — Homem! Não nos faça dores de cabeça!

P. 368 — Qual será o guarda-redes melhor: Teixeira, do Oliveirense, ou Jacques, da Académica? (De A. H. de Almeida, de Caldas da Saúde).

R. 368 — Não temos dados precisos sobre os dois jogadores. Trata-se de guarda-redes ao mesmo nível, segundo julgamos.

A unidade do Benfica é indestrutível

Um acaso proporcionou à pessoa que escreve esta página assistir a um banquete de confraternização do Benfica, tendo como júrcos os sócios com mais de vinte e cinco anos de vida clubista.

Ainda estamos sensibilizados com o que vimos. Cosme Damião, o homem que encarna o espírito do Benfica, presidiu, ladeado pelas maiores figuras benfiquenses. Presidiu e fez, no final, uma charla curiosíssima de evocação dos primeiros tempos do clube, e depois do momento de transição, na passagem da maioridade, os 21 anos clubistas.

Manuel Afonso também proferiu um elevado discurso, dando a conhecer aspectos clubistas que muita gente ignora, exercendo por isso a sua crítica sob dados errados. Outros oradores flocaram a grandeza e a importância do clube, em constante progresso.

Mas a nota destacada deram-na todos os dirigentes e sócios que falaram, sellentando como é indestrutível a unidade do Benfica. E mal se concebe, dizemos nós, modestos e ignorados comentadores, como pode essa unidade ser perturbada ou estar em causa. Um clube como o Benfica desafia orgulhosamente todas as tentativas de desunidade que possam ser feitas. No banquete de confraternização, essa ideia dominou tudo. Até a nós — que não somos do Benfica.

O FUTEBOL NÃO PÁRA!

Vão começar duas provas

Uma, para os Novos — Outra, para os Consagrados

ATÉ fins de Junho — e quem sabe se um pouco mais além! — o futebol não pára. As provas entrelaçam-se umas nas outras, e de tal modo que o interesse mantém-se vivo e palpitante. Depois do Campeonato Nacional teremos a Taça de Portugal. A regularidade sucede um pouco de imprevisito.

As competições a eliminar são muito curiosas. Haja em vista o que se passou aqui, ao lado, há bem pouco tempo, na Taça Generalissimo: um clube como o Atlético de Bilbao sacadido e ferido de morte por um onze de fraca qualidade e quase sem projecção no futebol espanhol. É que semelhantes torneios não permitem o descaído por não darem tempo a recuperações. O que morre — morre.

A disputa da Taça de Portugal terá apenas a duração de quatro domingos, isto é, todo o mês de Junho, conservando intacta a data do Portugal-Irlanda, 2-9-23 e 30 do próximo mês. Apresenta a particularidade de, cada eliminatória, eliminar de verdade. Uma derrota deita fora, e por isso o desafio efectua-se em campo neutro e designado pela Federação. Parece-nos bem. Parece-nos mesmo muito curioso este torneio, que se decidirá em quatro galopes, na maior das emoções e ansiedades.

A competição é reservada a dezasseis clubes, todos os da Primeira e os quatro vencedores dos grupos da Segunda Divisão. E aqui nos surge a única discordância com a organização, pois alligara-se nos que as lhas deveriam ter o seu representante na prova, ao menos para se saber que o futebol não se pratica somente no continente... Enfim, o futebol da Madeira também não reage, não luta, não requer os seus direitos, e tudo está certo!

Começará também a disputar-se, no próximo domingo, dia 19, o Campeonato Nacional dos Juniores, uma das provas em que todos pomos as maiores esperanças, e que corresponde à intenção de fazer jogadores e de assegurar no futuro a renovação do futebol dos clubes, e, em última análise, do futebol português.

O regulamento da prova, que tem como patrono a veneranda figura do sr. comandante Carlos Vilar, um dos homens a quem o futebol mais deve no nosso país, pela palavra e pela acção, é simples e claro: meia dúzia de artigos dizendo o necessário.

A competição é reservada aos vencedores dos campeonatos districtais, mas a A. F. L. indicará dois concorrentes, campeão e sub-campeão, que serão incluídos, para efeitos do sorteio, na zona sul. Em caso de empate, realiza-se novo jogo até à quarta-feira seguinte.

Os encontros darão apenas sessenta minutos e disputar-se-ão de preferência em campos de dimensões mínimas. Uma inovação curiosa respeita à substituição de guarda-redes. Na hipótese de lesão, comprovada pelo médico do clube onde se disputarem os jogos, o guarda-redes poderá ser substituído. Eis uma alteração que se impunha, pois seria cruel obrigar um grupo de jovens praticantes a jogar, tendo o seu grupo inteiramente desmantelado. Trata-se, de resto, de uma inovação inspirada pelos teóricos do jogo e que poderá influenciar toda a organização do futebol.

Deve dizer-se que a presente época tem sido felicíssima, em vários pontos de vista, e reconhece-se que o número de adeptos aumenta de modo extraordinário, quase que de jogo para jogo. Estas duas provas fecharão brilhantemente a temporada: uma delas, os novos iluminarão o futebol português ao clarão das suas esperanças; na outra, os consagrados confirmarão a forma em que se encontram.

CORRE QUE...

Há um grupo de sócios do Benfica que aproveita todas as oportunidades para molquistar a actual direcção do clube.

✦✦ Tavares da Silva, num «Século» editado para o Brasil, põe a seguinte interrogação: Porque não vem a Portugal o Vasco da Gama, um exemplo vivo do esforço português?

✦✦ Há negociações para vir para o Sporting, no começo da próxima época, um treinador inglês ou argentino.

✦✦ Armando Couceiro, considerado o melhor jogador angolano, e actual «interior» do

Sporting do Lobito, virá para o Sporting Clube de Portugal brevemente.

✦✦ Um clube português de nomeada anda a tratar de trazer a Portugal o Sevilha, campeão das Ligas.

✦✦ Como nota curiosa, afirmaremos que o guarda-redes do Portimonense ainda não jogava o futebol há dois anos.

✦✦ O Futebol Clube do Porto vai ser convidado para se deslocar ao Brasil.

✦✦ O treinador Artur Bacta está a desempenhar um bom lugar no União de Tomar.

O BELENENSES interrompeu a marcha do BENFICA



Grande vô de Feliciano! Este jogador, em plena posse dos seus recursos, maravilhou todo o público com a sua actuação. «Aqui não se passa!». E para dar prova disto, o grande defesa português exhibe-se como o leitor poderá ver...



Capela não sofreu «goals». Esteve atento a todas as jogadas. Uma defesa sua, apertado pelo extremo direito do Benfica



Vasco não largou Rogério — um homem sempre perigoso. A bola saiu do extremo esquerdo do Benfica, mas sem perigo para a rede belenense. Os olhos de Vasco dizem tudo...



Feliciano em jogo. A bola saiu, a despeito da oposição de Mário Rui



Ju não saltou para uma bola que não consegue alcançar. Amaro e Feliciano estão em jogo



Jogada clara, de bom futebol, de que o desafio foi fértil. E mais uma vez se impõe Feliciano, o excelente internacional lusitano



Carregado por Espírito Santo e sob a vigilância de Feliciano — Capela defende



O único «goal» do desafio — e da vitória. Martins está batido pelo remate de Andrade, a despeito do seu mergulho



Boa intervenção de Capela, apertado por Mário Rui



O público entusiasmou-se com a vitória do Belenenses. No final, os vencedores saíram do campo em triunfo!

Com vistas ao «match»
ibérico de atletismo

A Espanha na Federação
Internacional de Hoquei em patins

A Federação Portuguesa de Atletismo divulgou, numa nota oficiosa, longa lista de atletas de todas as categorias aos quais recomenda cuidados especiais de treino, com vistas ao encontro Espanha-Portugal, marcado para os últimos sábado e domingo de Julho, em Barcelona.

A lista não tem, nem pretende ter, o aspecto de uma pré-selecção; inclui mesmo bastantes nomes, que desde já podemos afirmar com segurança, não terem a mínima probabilidade de figurar na lista definitiva, mas a intenção dos dirigentes federalivos é evidentemente simpática e inteligente.

Associando nesta primeira indicação os prováveis, os possíveis e ainda uns tantos novos só muito vagamente susceptíveis de atingir a escolha, fê-lo no propósito de lhes tributar um incentivo ao trabalho, capaz talvez — sabe-se lá? — de conseguir surpreendentes resultados.

É natural que, ao elaborar o rol, tenham escapado algumas unidades dignas da mesma homenagem, mas a Federação pode facilmente remediar as omissões, incluindo-as em segunda nota, se da tal reconhecer necessidade.

A selecção dos componentes da equipa nacional de atletismo não ofereceu os mesmos embaraços e molinos de crítica da escolha, por exemplo, de um grupo representativo de futebol; os valores atléticos apreciam-se concretamente com elementos precisos, os tempos e as distâncias, que dispensam a intervenção, sempre faticosa, do critério pessoal. Por isso não vale a pena discutir indicações gerais, que se não pretende antepor à lei dos factos e são apenas de louvar pelo intuito.

O nosso atletismo não é suficientemente rico em valores para que possam ser muitas as dúvidas a respeito da maioria dos componentes da equipa que irá à Catalunha suportar o embate dos espanhóis, que estão desde já empenhando todos os esforços para se desferrarem do pesado desaire do ano passado.

Mas, que assim seja, não impede que se reconheça a existência de alguns pontos fracos na frente portuguesa, indispensável de reforçar, apelando para a diligência dos novos e, ainda, que a estes se faça sentir o apreço com que é considerado o seu entusiasmo e se lhes dispense atenção indicativa de que sabemos serem eles os sucessores responsáveis pela continuação ou desenvolvimento dos êxitos actuais.

Verifica-se em Espanha, conseqüência do brio estimulado pelos incitamentos da crítica, um formidável esforço de preparação dos atletas; porque não havemos de tirar idêntica lição da auspiciosa vitória de 1945, a lição do trabalho intenso e generalizado?

EMBORA a modalidade fosse já há alguns anos praticada em Espanha, a respectiva federação mantinha-se estranha ao organismo superior internacional.

Sabe-se que os nossos vizinhos só no ano passado se rasolveram a jogar o hoquei sobre patins conforme as regras internacionais, empregando a bola oficial em vez do disco de que se serviam, como se estivessem jogando sobre gelo.

No recente congresso de Montreux, a candidatura de admissão espanhola foi submetida aos delegados das nações presentes apadrinhada pela Federação Portuguesa, e ninguém supunha que surtisse reparos ou objecções.

Afinal, os representantes franceses vieram habilidosamente tentar oposição, alegando, com uma inocência espanhola, que seria bom manter a atitude de reserva até completo esclarecimento da capacidade representativa nacional da federação que se propunha à filiação, visto existirem em Espanha outras federações em actividade, como a catalã, a castelhana, etc.

Foi necessária a intervenção do delegado português José Prazeres para explicar aos congressistas que estes organismos eram de carácterística regional, correspondendo às chamadas associações, e se achavam todos filiados na federação candidata.

Desfez-se assim a dúvida e a Espanha foi admitida por unanimidade de votos, rendendo-se à evidência dos factos o próprio e tão mal informado delegado francês.

Não é, portanto, para surpreender que os dirigentes do país irmão, ao regressarem, tenham testemunhado, em entrevistas concedidas aos jornais catalães, o seu reconhecimento pelo apoio que encontraram nos delegados de Portugal e realçado o mérito dos serviços prestados, mercê do nosso prestígio e decidida intervenção.

O seleccionador nacional sr. Somaranch, o mesmo a quem já nesta secção nos referimos a propósito de certas fantasiosas declarações sobre o nosso país e que por imposição superior leve de rectificar, afirma agora que os organismos dirigentes do hoquei espanhol esperam ansiosamente a próxima visita de uma equipa clubista portuguesa — será o Paço d'Arcos o nosso embaixador — para lhe demonstrarem com carinho e hospitalidade o seu agrado.

Serve este facto para demonstrar, por um lado, a consideração de que desfrutamos nas grandes assembleias desportivas internacionais; por outro, que, em contrário do que muita gente supõe, são maiores os serviços que internacionalmente podemos prestar ao desporto espanhol, do que aqueles que por seu intermédio se podem esperar.

Os melhores lançadores mundiais

VOU hoje apresentar, segundo os elementos que tenho conseguido reunir, a lista dos melhores homens nas quatro provas de lançamento.

Começaremos pelo peso, enumerando aqueles que ultrapassaram os 16 metros, equivalendo a 1034 pontos finlandeses. São eles: 29. deztoito americanos, entre os quais o detentor do recorde mundial, Torrance, que alcançou a bagatela de 17.^m40 (1208 p.); Blozis com 17.^m31, Hackney 17.^m02, Anderson 16.^m85, Audet 16.^m70, os quais, são pela ordem, os melhores resultados conhecidos. Internam-se depois três alemães: Woelke e Trippe, recordistas da Europa com 16.^m60, e Stoeck com 16.^m49, para seguir novo grapo americano: Lyman 16.^m48, Watson 16.^m42, Bangert 16.^m41, Francis 16.^m30, Williams 16.^m27, Trent 16.^m26, Michael 16.^m24.

No meio deste pelotão figura com 16.^m28 o estoniano Kreek, o mesmo que no ano passado manifestou desejos de vir para Portugal na qualidade de treinador.

Encontramos no seguimento da escala o finlandês Barland com 16.^m32, o sul-africano Hast com 16.^m22 e o checo Douada com 16.^m20, à frente de novo pelotão americano: Sexton e Quirk com 16.^m16, Trout 16.^m155, Theodorotas 16.^m12 e Brix 16.^m07.

A fechar a conta: Wilding (Estónia) e Gieratto (Polónia) 16.^m06; Heljaz (Polónia) 16.^m05; Ryan (Estados Unidos) e Hirschfeld (Alemanha) 16.^m04.

O recorde sul-americano pertence ao chileno Conrads com 14.^m04.

No lançamento do disco, os primeiros lugares logem aos americanos: 53.^m37, pelo alemão Lampert (1157 p.) e 53.^m34 pelo italiano Consolini; só em seguida vêm dois atletas dos Estados Unidos; Cannon com 53.^m29 e Harris com 53.^m256; outro alemão, Schroeder, com 53.^m10; o americano Carpenter com 53.^m08 e o sueco Anderson com 53.^m02.

Na casa dos cinquenta e dois metros temos: Blozis (E. U.), 52.^m08, Fox (E. U.) 52.^m54, Kallitz (Hungria) 52.^m40, Dann (E. U.)

52.^m25, Tosi (Itália) 52.^m14 e Lev (E. U.), 52.^m07.

Com marca superior a 51 metros registam-se mais 4 americanos, 3 alemães, 1 sueco, 1 finlandês, 1 italiano, 1 norueguês e 1 grego; finalmente, acima de 50 metros, figuram ainda 8 americanos, 1 russo, 2 húngaros e 1 francês.

A superioridade no lançamento do dardo é nitidamente europeia; entre os 31 lançadores que temos registados com marcas além dos setenta metros (1002 p. finlandeses) figuram apenas 4 americanos, dividindo-se assim os restantes: 10 finlandeses, 8 suecos, 4 alemães, 2 estonianos, 1 polaco, 1 húngaro e 1 letão.

Eis os melhores resultados mundiais, os que ultrapassam 72 metros: Nikkanen 78.^m70, Jarvinen 77.^m25 e Rautavaara 76.^m47 (todos finlandeses); Sale (Estónia) 75.^m93; Mikola (Finlândia) 75.^m61; Atterwall (Suécia) 75.^m10; Stoeck (Alemanha) 73.^m96; Erikson (Suécia) 73.^m93; Antonen (Finlândia) 73.^m90; Weiman (Alemanha) 73.^m50; Lokański (Polónia) 73.^m27 e Varsegy (Hungria) 72.^m53.

O recorde mundial de Nikkanen corresponde a 1212 p. na tabela oficial.

Um lançamento de 80.^m22, anunciado pela imprensa e atribuído ao americano Mackenzie, não foi confirmado nem sobre ele existe qualquer instância de homologação.

Finalmente, no lançamento do martelo (1000 p., 53.^m99), a melhor marca conhecida é do irlandês O'Callaghan com 60.^m57, mas não foi homologada porque a Federação do Eire não estava ainda filiada na Internacional.

Assim, o recorde mundial pertence ao alemão Lutz, com 59.^m60 (1155 p.), seguindo-se-lhe: Blaske (Alema.), 59.^m; Healion (Irlanda) 58.^m80; Veirila (Finlândia) 58.^m67; Hein 58.^m34 e Storck 58.^m20, ambos alemães; Ryan 57.^m77 e Mac Grath 57.^m75, ambos americanos; Erikson (Suécia) 57.^m61; Flanagan 56.^m18, Folwharth 56.^m17 e Bennett 56.^m08, os três americanos; Johanson (Suécia) 56.^m13.

Salazar Correia

BASQUETEBOL

O VASCO DA GAMA continua na vanguarda

O Vasco da Gama, indiscutível campeão portense, continua na vanguarda da classificação, agora reafirmada no seu triunfo contra o F. C. Porto, por 39-33, embora possa dizer-se que foi escassa a sua vitória.

A equipa do F. C. P. gosta de jogar contra os seus campeões.

O público também gosta de ver. E, por isso, o jogo foi renhido. Os rapazes do Atlético obtiveram também uma vitória sobre o Sport, de Coimbra. Por 49-32. E como o Belenenses não foi jogar ao Porto, contra o F. C. P., aguardaremos mais um tempo para ver se o Vasco da Gama torna ou não mais firme o seu lugar.

LISBOA

contra o PORTO
novamente

Abriu a época

Um novo recorde: 1 m. 3 s. e 6/10
de GUILHERME PATRONI

NO próximo domingo, provavelmente no campo do Lumiar e a hora que ainda não foi fixada quando escrevemos estas linhas, a selecção de Lisboa volta a defrontar o grupo representativo do Porto, esperamos que no propósito de se redimir da péssima exibição de há quinze dias.

O seleccionador Acácio Rosa, de regresso de Barcelona, retomou as pesadas responsabilidades das suas funções e tem porfiado em reunir todos os elementos de apreciação necessários à escolha criteriosa da equipa lisboense.

Infortunadamente, os seus esforços não têm sido correspondidos como era de esperar do baifismo e do brio dos jogadores chamados a honrosa missão de defender as cores da cidade; em cada treino se registaram numerosas ausências, tornando impossível qualquer juízo apreciativo sobre a melhor conjugação dos valores aproveitáveis.

O sistema empregado no Porto, designando a cada jogador do bloco defensivo o atacante contrário que lhe compete marcar estritamente, não deu bom resultado, porque a mocidade dos avançados portucenses saplantou por completo a vigilância imposta pelos antagonistas.

O processo de jogar vai com certeza ser diferente e, embora nada se saiba ainda de concreto, é provável também que a constituição do grupo sofra modificações em todas as linhas.

No intuito —vão intuito, pela indiferença de uns tantos jogadores — de dar mais uma oportunidade de treino à selecção regional, a Associação adiou a jornada final do campeonato, fazendo disputar no passado domingo apenas o encontro em atraso «Os Treze»-Marvilense, que o primeiro indicado ganhou por 5-5, habilitando-se à conquista do ambicionado terceiro lugar, que já se não sabe o valor que representa, pois a Federação ainda não decidia quantos representantes de cada região há-de admitir no campeonato nacional.

Os outros dois candidatos ao terceiro posto, Benelenses e Benlica, encontram-se em igualdade de circunstâncias: dois encontros a jogar e a necessidade de vencer ambos para se classificar à frente dos «trezistas». Aos «ozais» falta jogar com o Almada, aos «encarnados» com o Sporting e resta-lhes, depois, jogarem um contra o outro.

Aligara-se muito difícil a tarefa do Benlica, desde que foi dado como improcedente o seu recurso sobre a derrota sofrida ante o Marvilense, mas teremos que esperar pelo fim do mês para saber qual o apuramento e só em meados de Julho, tardíssimo, portanto, conheceremos o campeão nacional.

José de Eça

MAIS uma vez, a tradição manteve-se: a Federação Portuguesa de Natação inaugurou oficialmente a temporada no primeiro domingo de Maio. E andou bem em fazê-lo. Entre nós, em que as possibilidades de treino durante o Inverno são restritas, há, realmente, toda a vantagem em tornar o mais possível extensa a temporada de Verão.

Ao analisarmos e «Festival de Abertara» de domingo último, temos que o ver sob dois prismas diferentes: um, no seu conjunto, no que ele valeu como jornada de natação, numa palavra — como espectáculo; outro, no que respeita às proezas individuais que nele se verificaram.

Quanto ao primeiro aspecto, o festival não deixou saudades. Pouquíssimos concorrentes, ou melhor, muitas faltas de comparência — velha pecha da natação — ausência quase total de público, para o que muito deve ter contribuído a manhã plúmbea, e, como corolário natural, pouca vibração e pouco entusiasmo. De novo voltamos, pois, a repetir nestas colunas: a natação atravessa, neste aspecto, um período de crise. Torna-se necessário, por meio de inteligente e persistente propaganda, interessar o público pela modalidade. O público — e os clubes. É preciso fazer qualquer coisa para que os festivais não deem a impressão — como o de domingo — que decorrem em família...

Não será assim, senhores dirigentes?

Individualmente, três proezas nos surgem em grande plano. Cada uma delas com suas características próprias. E, caso curioso, cada uma delas representando

três épocas distintas da natação lusitana.

Estiveram, pois, em evidência Guilherme Patroni — símbolo da natação de amanhã. Mário Simas — o grande campeão de hoje. E João da Silva Marques — reliquia da natação de ontem.

Guilherme Patroni foi ele — em estilo, ritmo e classe — numa prova magnífica, plena de «souplesse», em que obteve um «tempo» excepcional: 1 m. 3 s. 6/10.

Em esplêndida condição física, o atleta não precisou exceder o limite das suas normais possibilidades para que o «record» caísse. Não. Correia normalísimamente. E o máximo foi melhorado de 1 m. 4 s. 1/10 para 1 m. 3 s. 6/10. Que louros estarão reservados a Guilherme Patroni?

Mário Simas obteve uma marca que nos indica bem que o valoroso campeão está em «forma»: 1 m. 15 s. 2/10, nos 100 metros costas. E a natação portuguesa bem precisa que ele esteja em «forma»...

João da Silva Marques, com quarenta anos de idade, e mais de vinte de competições, numa luta titânica com o peso dos anos, foi ainda o vencedor dos 100 metros-braços. Está, como é natural, am tanto «dado», ele que, aliás, nunca andou em «souplesse». Mas mantém as suas belas qualidades de «endurance». A sua prova de domingo foi arrebatadora — empolgante. O «tempo» — 1 m. 24 s. 7/10 — mas que interessa o «tempo»?

Silva Marques venceu! A sua vitória foi um dos grandes, um dos poucos, momentos do festival de domingo. É isso que fica!

Abreu Torres

SEGUNDA DIVISÃO

Famalicão e Estoril dirimem o pleito...

PODE agora acreditar-se nas possibilidades do Grupo Desportivo Estoril Praia e do Futebol Clube de Famalicão. Um e outro, vencedores nos seus campos, em luta com o Portimonense (7-2) e União de Coimbra (4-2).

Do jogo sustentado entre famalicenses e comimbricenses, pode dizer-se que o comportamento dos visitantes não foi de todo mau. O Famalicão, é inegável, possui boa equipa, tem sérias aspirações, como de resto os unionistas, mas não pôde «esmagar». Evidenciou superioridade técnica, em qualquer dos tempos de jogo, mas no resto do desafio denunciaram os visitantes alguma vantagem.

Já o Estoril não teve dificuldades. Os seus adversários de

Portimão são «novatos» em provas de vulto. Os estorilenses pertencem à Divisão de Honra da A. F. de Lisboa...

Daqui, e muito naturalmente, a vitória expressiva que obtiveram. Os pupilos de Lippo Hertza, entretanto, devem melhorar, futuramente. Alguns dos seus jogadores deram provas de capacidade, e só a defesa, guarda-redes aparte, fracassou um tanto. Deve-se a isso o número de «goals» obtidos pelo Estoril. Não mereceu tantos.

Veremos agora o que dá a jornada de domingo próximo. O título está ao alcance do Famalicão e do Estoril, agora empatado, mas os últimos jogam em casa... É um trunfo.

Antas Teixeira

Dois vencedores

Terminaram no domingo as «poules» organizadas pela Sociedade Hípica para disputa das taças «S. H. P-1946» e «General Afonso Botelho», «poules» estas que não tiveram ritmo certo devido ao mau tempo e às festas da Páscoa. As constantes interrupções roubaram-lhes este ano algum interesse, principalmente entre o público, que se aborrece quando as provas são de classificação por pontos e não têm sequência certa.

A primeira das referidas taças foi ganha por «Marracuene», montado por Joaquim Barrelo, que teve, no conjunto das «poules», boa actuação (10.º, 1.º, 3.º, 2.º e 4.º), conseguindo assim vitória brilhante sobre os restantes concorrentes, dos quais foi «Drawragoo», com Barros e Cunha, o que mais de perto o apoquentou. Se não fosse ter fallado à penúltima «poule», não sabemos qual deles seria o vencedor.

Quanto à taça «General Afonso Botelho», disputada por um numeroso grupo de cavaleiros, entre os quais se encontravam alguns de nomeada e entre estes os internacionais «Zuairi», «Oplus», «Abandon», «Nami» e «Congo», verificou-se a vitória de «Quer hoje», montado por Milho Ferro.

Não há dúvida nenhuma que cavalo e cavaleiro se completam e que o conjunto começa a impor-se mesmo perante outros de maior nomeada. Já nos foi dado vê-lo triunfar em quatro provas, duas em Cascais, uma em Oeiras, e esta agora na disputa da taça. Isto indica-nos que a vitória não foi de acaso, como não foi esporadicamente que, no conjunto das «poules», ele conseguiu um 1.º, dois 2.º e um 5.º lugares.

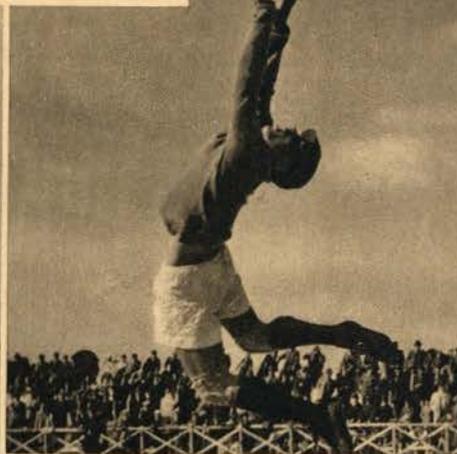
Lamentamos a falta de «Squalus», que dera tão boa conta de si nas primeiras provas, e fazemos breve referência à boa actuação de «Bélver», com António Spínola, impossibilitado de disputar a última «poule», e de «Zuairi», uma das esperanças da equipa nacional, que José Carvalho montou muitíssimo bem e com o qual ganhou a «poule» de domingo.

Merece louvor a organização dos percursos, que nos surgiram diferentes dos habituais. Como já se verificara no Concurso do Oulono, é fácil variar os traçados, dando às provas aspectos diferentes e tornando-as mais agradáveis de seguir. Estávamos a cair numa monclonia a que em boa hora se pôs cobro.

As «poules», se, em boa verdade, não corresponderam em brilho ao que se esperava, serviram no entanto de aperitivo para o Concurso Hípico Internacional, que este ano nos vai surgir com alguns atractivos muito curiosos.

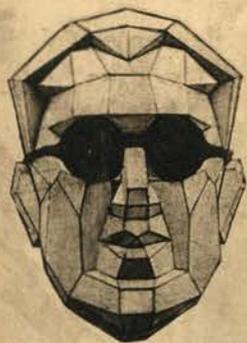
A luminante
MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES
Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

vitoria inesperada do BOAVISTA



O jogo disputado no Bessa, entre o Boavista e o Atletico, despertou interesse. Veem-se várias fases: um «goal» do Boavista, duas defesas de Correia e outra de Oscar

Os estudantes de Coimbra ganharam aos vimezanenses. Machado, guarda-rede visitante ev. duas defesas



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2529 LISBOA



No jogo de Elvas, Semedo defendeu com extraordinário brilhantismo. Os seus admiradores, no final, aplaudem-no. Ao lado, uma das suas melhores defesas

Corridas de Touros

As da Feira de SEVILHA



Diamantino Viseu, português, o único novilheiro que cortou orelha em Sevilha

As corridas da Feira de Sevilha de 1946 mantiveram a sua excepcional categoria na apresentação dos touros, no interesse do público que encheu a praça todas as tardes e até quase na actuação dos toureiros.

Foram os touros de Carlos Nuñez os mais bem apresentados em conjunto, chegaram a trezentos quilos alguns dos de la Chica, oriundos da ganaderia que foi da Casa de Bragança e da de Medina Garvey, e acusaram a casta os de Miura, e a de Parladé os de D. Julia Cossio Belmonte, e até os novilhos de Hidalgo que entre eles apresentou três touros que poderiam ter saído de «sobreros».

«Armillita» despachou a Feira como despachará esta temporada que será a última do «maestro» mexicano. Juanito Belmonte manteve a honra do apelido e cortou a orelha dum touro, com pundonor.

Pepe Luis teve momentos magníficos de artista, e também cortou a orelha dum touro. «Andaluz» valente, e «Cañitas» menos valente do que se diz. «Pepin» esteve a ponto de cortar a orelha dum dos seus, mas, quando soava a música e já se preparavam lenços para pedir o galardão, interrompeu a faina para trocar o estoque de madeira pelo de aço e assim se refrescou o touro, arrefeceu o público, calou a música, e perdeu a orelha. Veremos o que o fino toureiro sevillhano fará agora em Madrid...

Alvaro Boneca repetiu com êxito os primores de equitador a que nos tem habituado, e Conchita Cintron foi menos feliz do que na sua estrela em Sevilha, ha um ano, mas assim mesmo aplaudida pela sua gentileza feminina.

Desgraçado esteve na novilhada o mexicano Balderas já nosso conhecido desde a abertura do Campo Pequeno, e não passou de valente e diligente o irmão mais novo de «Moreno de Talavera». Valente e toureiro esteve o nosso Diamantino Vizeu que se apresentou bem vestido e soube estar na praça e andar entre os touros, apesar de ser a sua primeira novilhada com picadores.

Interviu bem nos «quites» e teve um muito vistoso no seu primeiro, sabendo sempre colocar o novilho em sorte, para o que muito serviram os «tentaderos» portugueses em que o vimos ainda este ano, num total de mais de cem bezerras. Cravou dois pares, levantando bem os braços, e começou por usar da «muleta» em quatro passes por alto, parado e erguido, estatutário. Continuou por «Manoletinas» e «molinetes» e num destes foi «encunado» sem se assustar nem olhar a roupa. Já o público tinha reconhecido estar ante um «muletero» ambidestro e de bom estilo, quando Diamantino a todos nos convenceu de que é também um matador de boa classe, perfilando-se bem, recreando-se na sorte e deixando ver todos os seus tempos. E o touro, ferido de morte, rodou ao tempo em que milhares de lenços se agitavam e outro, o do presidente, se somou a eles no desejado gesto da concessão da orelha. Entusiasmo, volta à arena devolvendo chapéus e recebendo charutos dos portugueses, orgulhosos do nosso toureiro, o primeiro que em Sevilha e na Feira corta uma orelha. E Diamantino, aparentemente calmo, mas certamente comovido, teve ainda que agradecer no meio da Praça, a da «Maestranza»!

Mas foi no seu segundo, um Touro, e difícil, que o português nos convenceu de que vai ser alguém em Espanha e convenceu os espanhóis que, afinal, ser matador não é privilégio deles. Sem se assustar voltou Diamantino a provar ser um bandarilheiro com personalidade e, compreendendo o inimigo que tinha deante, usou da «muleta» com eficácia em sóbrios passes de preparação para meia estocada com todos os requintes de boa lei, na execução e na colocação, em todo o alto. Voltou a entrar a matar, ainda melhor, e o touro ficou em estado de ser «descabellado», o que Diamantino fez ao primeiro intento, com vista e certo pulso, fulminantemente.

Saiu Diamantino em triunfo, e triunfais foram para ele os comentários dos bons «aficionados» sevillhano que ouvimos, e significativas as diligências que junto de «Pontaret» logo começaram fazendo várias empenzas, a começar pela de Sevilha.

E os melhores críticos-taurinos sevillhano, como Curique Vila, Murga e Parejo,

reconheceram estar-mos ante um toureiro de bom estilo, um toureiro que vem honrar Portugal.

Sinceramente nos alegamos com o êxito de Diamantino que por «tentaderos» acompanhamos há um ano, sem nos atrevermos a comprometer-lo com elogios prematuros. Agora, ante a grande prova a que se submeteu na «Maestranza», não hesitamos em o animar, e confiamos nele, desde Sevilha, novilheiro de primeira fila.

El Terrible Perez

Ler crítica da corrida de domingo, no Campo Pequeno, na pág. 15.



Pepe Lutz Vasquez, num passe de peito, ao touro que cortou orelha em Sevilha



Pepin, pés unidos, deixa passar o touro com as patas no ar

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O VASCO DA GAMA, agora vencedor novamente do F. C. do Porto, em basquete, vai admiravelmente lançado no campeonato nacional. A recente derrota do Bele-nenses coloca o simpático clube portuense na vanguarda da prova, e por certo saberá conservar a vantagem.

Com unhas e dentes, como é seu costume...

◆ SABEMOS que não tem possibilidades de êxito a entrada dos segundos de Lisboa e Porto no campeonato nacional de basquete, juniores.

Um colega nosso trocou impressões com dois directores da F. P. B. B. e por ambos lhe foi dito isto mesmo.

A propósito, podemos informar, com certeza absoluta, que o vice-presidente eleito, pelo Porto, nosso camarada Rodrigues Teles, não tomará posse. Já o comunicou ao presidente do Congresso, filiando a sua atitude no facto de existirem graves desinteligências no seio da Federação.

◆ O PORTO-VIGOROSA foi anulado pelo Conselho Técnico da A. A. P., como já informámos. Chega-nos agora a notícia de que a Federação resolveu ouvir o árbitro, sr. António Magalhães. Se este confirmar o resultado, visto que o protesto não apresenta razões fundamentadas em leis de facto — não será confirmada a decisão dos técnicos portuenses.

Na verdade, isto de anular jogos «por dá cá aquela palha» não deve fazer carreira!

◆ FOI CONVIDADO a deslocar-se a Madrid, a fim de inaugurar as novas instalações de Chamartin, o grupo de futebol do F. C. do Porto.

Também chegará brevemente ao Porto um emissário de clubes brasileiros, que tentará deslocar para o Pátria irmão o «team» do F. C. P.

◆ AO PORTO chegou a notícia, com fundamento, de que a D. G. D. negou ou vai negar autorização à transferência do atleta Elói Pereira para o S. L. e Benfica. A decisão agrada aos portuenses, visto que revela espírito de justiça, indiscutível propósito de moralizar o atletismo nacional.

É bom recordar, nesta altura, o que aconteceu a Anderson e Gunder Haegg, que na Suécia não podem correr, a despeito da sua classe «internacional». Nada de confusões!

Os terrenos da Areosa

e 150 mil metros quadrados foram cedidos ao F. C. do Porto para construção do seu Estádio

NÃO podia deixar de ser mais esta referência: — o sr. Ministro das Obras Públicas, recebendo em Lisboa os srs. dr. Cesário Bonito, presidente do F. C. do Porto, engenheiro Miguel Rezende, chefe dos Serviços de Urbanização da C. M. P., arquitecto Oldemiro Carneiro, autor do projecto, Manuel Neves e Elói da Silva, director e membro do Conselho Fiscal do importante clube — resolveu definitivamente a questão de terrenos que ainda vivia.

Assim, eliminada por completo a possibilidade do Estádio ficar instalado na Vilarinha e nas Antas, o sr. Ministro das Obras Públicas pronunciou-se pelos terrenos da Areosa. Em principio, o F. C. do Porto contava com 80 mil metros quadrados de terreno, dependendo de negociações mais 70 mil.

Depois desta importante troca de impressões com o sr. Ministro das Obras Públicas, ficou assente a utilização de 150 mil metros quadrados, área importante para o que precisa o F. C. P.

Os dirigentes que se deslocaram para Lisboa, à chegada a esta cidade, manifestaram-nos a sua gratidão pela maneira como foram recebidos pelo ilustre titular das Obras Públicas. Estão igualmente agradecidos ao sr. engenheiro Sá e Melo, Director Geral dos Serviços de Urbanização, professor dr. Luís de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto, coronel Joviano Lopes, governador do distrito, e engenheiro Miguel Rezende, chefe dos Serviços de Urbanização desta cidade.

O dr. Cesário Bonito disse-nos, mesmo:

— O nosso contentamento justificado não tem limites. O sr. Ministro das Obras Públicas disse-nos que «podíamos começar a obra!» O terreno a utilizar, 150 mil metros quadrados, é da Areosa. Pronto. Sabemos com o que pode contar-se.

— Ainda este ano teremos trabalhos que conduzam à construção?

— Ainda este ano? Diga ainda este mês ou, o mais tardar, em Junho próximo!

São optimistas, confiantes, as palavras do dr. Cesário Bonito. Nesta cidade há extraordinário entusiasmo por saber o que se passa. No dia em que o F. C. do Porto começar as obras haverá festa. E a direcção do clube, incansável, dedicadíssima, pode bem dizer que cumprir as suas obrigações.

CORREIA DIAS e os árbitros...

PESSOA amiga e de absoluta confiança, que assistiu em Lisboa ao jogo Sporting-Porto, mostrou-se desolada com a «perseguição» feita ao avançado portuense Correia Dias, um dos mais correctos jogadores que conhecemos. Por parte da arbitragem, claro.

Na verdade, parecem-nos justificados os reparos do nosso amigo. Assistimos constantemente a intervenções irreflectidas, por

parte dos juizes de campo, que não reparam ou não querem reparar na vantagem que pode ter Correia Dias na disputa da bola. A queda de um adversário, quando luta contra o avançado centro do F. C. P., não indica falta por parte deste.

De resto, não vemos quem exceda Correia Dias em educação, dentro do terreno. Logo, se tudo se passou como nos contam, lamentemos o «excesso de zelo». Infelizmente, passam tantas coisas feias desenvolvidas por outros!

Correia Dias tem a pouca sorte de ser pesado. Os seus movimentos, com o corpo, perturbam por certo os árbitros, mas oxalá reconsiderem. O corrector jogador e actual capitão do F. C. Porto não lhes merece tantas «partidas»...

UM ATLETA portuense



Francisco Silva, o «Quincoces» do Boavista, é justamente considerado um defensor dos mais experientes do Norte.

O popular Boavista F. C., segundo classificado portuense, teve sempre bons defesas. O par Albino Luzia-Oscar de Carvalho celebrou-se em todo o país, há anos, tendo alinhado em muitos jogos pelo grupo representativo da A. F. do Porto. Oscar de Carvalho, suplente ao onze de Portugal, só não foi «internacional» porque... no team grande alinhavam, no seu posto, jogadores excepcionais.

Depois do par Luzia-Oscar, que linha atrás de si um grande guarda-redes, Cesão, ainda o clube do Bessa pôde contar com excelentes defesas. E no actual momento, Vinagre e Francisco Silva estão tão bem classificados, que alinharam ainda há pouco pelo grupo da sua Associação.

Francisco Silva, a quem o público portuense chama «Quincoces», fez há anos um estágio em África. Por lá se conservou um tempo, mas há cerca de um ano e pouco mais regressou ao seu antigo clube.

Foi recebido de braços abertos. Bom atleta, bom camarada, senhor de boas possibilidades, chegou ao «team» do Bessa na melhor altura. Francisco Silva ajudou o seu grupo a conquistar a entrada no campeonato nacional e tem contribuído fortemente para alguns bons resultados da sua equipa.

Embora o Boavista, a partir de certa altura, denunciasse certas dificuldades, pode bem afirmar-se que o popular «Quincoces» tudo tem feito para as diminuir.

Trate-se de um rapaz brioso e irabalhador. E o Boavista sabe bem que pode contar com ele.

Francisco Silva, com ambiente na cidade do Porto, e especialmente no seu clube, tem ainda bom futuro na sua frente. Bem precisa o Boavista da sua colaboração, como de todos os seus atletas. Um clube como o Boavista precisa de muitos homens como o popular «Quincoces».

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

São Bernardino, patrono do Box

EM 1201, no alvorecer do século XIII, o prior da cidade italiana de Siena cismava alarmado com o crescente número de duelos a punhal e à espada consumados no burgo.

Qualquer motivo fútil servia de pretexto aos duelistas, e de muitos conflitos à arma branca as vítimas clamavam vingança, que amigos e parentes satisfaziam de bom grado.

O eclesiástico, inspirado em nobres sentimentos de respeito pela vida alheia, profundamente cristão, passou a condenar em público o emprego das lâminas afiadas e propôs que todas as contendas se resolvessem a muro, forma de briga, em seu paladar, mais nobre e leal do que qualquer outra, e menos molesta que nenhuma.

Seus sermões tiveram eco no espírito dos mais ponderados cidadãos e após penoso labor a mocidade entusiasmou-se pelo processo. A tal ponto, porém, que a breve trecho se viam nas praças públicas combates de soco furibundos e o próprio prior (homem vigoroso e nada adomado...) se contagiou. Vinte anos passados ensinaria a jogar o boxe, organizava alguns torneios simples e arbitrou combates.

O pugilismo, que a antiguidade clássica tanto aclamara na Grécia Antiga e em Roma, volvia a lume e renascia na Itália graças a um homem da Igreja, observador e tolerante!

Mais tarde, o prior morreu. Tanto fora a sua cristandade, que seu nome foi beatificado, passando à galeria das figuras modelares, festejado com o nome de S. Bernardino.

S. Bernardino redigiu as primeiras regras, simples, do boxe moderno. Compunham-se de escassos articulados, que resumimos assim: proibido o emprego dos pés, proibido socar abaixo da cinta e, logo que um dos praticantes se mostrasse nitidamente inferior, a pugna seria suspensa.

Até há poucos anos, ignorava-se esta interessante página da história do pugilismo, que documentos autênticos revelaram ao Mundo.

Tinha o desporto da caça, como patrono, Santo Huberto, e, do automóvel, S. Cristóvão. O boxe encontrou S. Bernardino nas agiografias de há sete séculos e pode entronizá-lo à cabeça dos praticantes da Nobre Arte.

Com o passatempo do prior de Siena o pugilato decaiu ou deixou de ser mencionado em documentos. Em Janeiro de 1681, apareceu no jornal inglês *London Protestant Mercury* a seguinte notícia: «Realizou-se ontem um desafio de boxe na presença de Sua Alteza o Duque de Albermale. Jogaram o carneiro e o dispenseiro do referido fidalgo, ganhando o último nomeado o prêmio proposto (uma bolsa contendo vinte guinéus...), coisa que aliás tem feito noutras ocasiões antecedentes. É considerado, apesar da sua pequena estatura, o melhor prati-

NUVENS ameaçadores. Boa entrada no sol e regular na sombra. Ovação a Viseu, ao Ir entregar a farpa a Simão da Veiga, que é aplaudido ao seudor o público e brindar a Diamantino.

Gomes recorre o 1.º—do sr. Francisco de Silve Vitorino, negro e bem posto. Entrando pela esquerda, crava pela direita a 1.ª farpa. É logo outro, entrando bem.

Repele a sorte à volta e crava, merecendo palmas. Cita de frente, mas o touro não escode ao cite, pelo que repete a sorte com êxito. Todas as farpas formam um reme-lhele, provando terem sido todas colocadas no mesmo sítio, o sítio próprio. Brinde ao dr. Emilio Infente da Câmara e o cavalo desafia o touro com a mão, graciosamente.

Como o touro não arranca, Simão alira-lhe o tricórnio, e o de Vitorino arranca enlão como um reio e persegue em duas voltas o cavaleiro, que se volta num palmo e crava um curto que entusiasma ao rubro toda a praça, numa ovação de alarido. Pega rijo ao terceiro intento. Chamado ao cavaleiro, que com o forçado dá a volta.

Já ninguém pense na chuva. Simão fez subir o barômetro.

Alberto Luís Lopes recebe palmas ao seudor o público.

Há «branca» no sector 4, lá entre eles. Intervém a polícia.

Alberto Luís Lopes crava bem a 1.ª farpa, de caras. Outra farpa bem cravada. O touro trava antes de meter a cabeça e o cavaleiro passa duas vezes sem cravar. A favor da crença consegue cravar um curto.

Palmas. Repete nos mesmos terrenos e, com vista, crava outro curto. Augusto Gomes consegue luzir-se em dois ajudados por alto e em alguns passes mais, mas acaba por desiluir. Palmas. Intentos de pegas. Chamado ao cavaleiro.

O 3.º, desembolado, com bom tipo, entra bem na capa de «Niño de la Palma» e Viseu cinge-se bem à «verónica», com estilo. Um farol e uma série de lances de frente por detrás, deixando-se roçar e empurrar. Ovação. Manuel dos Santos dá três «chicuelinas» e ouve palmas. Viseu oferece as banderilhas a Santos, que crava um bom par de frente. Palmas. Viseu cita, o touro erranca-se, e o toureiro resvela e cai junto ao estribo, onde o de Vitorino lhe mete a haste, ao coração. Mas é grande o do toureiro, que se levanta e logo crava um par monumental, levantando

cante de tal exercício na Inglaterra».

O costume de chamar «bolsa» à remuneração dos pugilistas vem dessa época, e do hábito de encerrar dentro dum saquinho o prêmio em discussão, nasceu o termo. Note-se que Tom Figg veio ao mundo em 1694, isto é, algum tempo mais tarde, figurando na maioria dos anais do pugilismo profissional como primeiro campeão.

Dizem o livro «Anedoctes of Sports» de Pierce Egan e o «Sporting Magazine» publicado em Londres, em 1793, que no limiar do século dezoito o pugilismo florescia na Itália e que um gondeleiro chamado Tito Alberto di Carni medira forças em Inglaterra contra um pugilista inglês, na presença do Rei e da Corte.

Como se vê, o boxe estava «bem relacionado» nessa época.

Rafael Barradas

A CORRIDA DO CAMPO PEQUENO

DIAMANTINO VISEU, um novilheiro de 1.ª fila

bem os braços, com arte e graça. Ovação. Diamantino brinda a quem estas linhas escreve e começa com dois passes por alto, aguentando e perado, nos «médios». Outro nos «tercios», e repete, e triplica, toureiro, «mandon». Na «querença», continua valente e inteligente. Dá dois passes naturais, que o touro não permite. Palmas à inteligência e à valentia com que Viseu leva e lide e agente o touro. Ovação grande, volta à arena, e chamada ao meio da praça. Outro desembolado, grande, com cabeça. Manuel dos Santos «veroniqueia» com calma e arte. Palmas. O touro salta para dentro, e todos saltam da trincheira para fora. Santos, de frente por detrás, dá uma série de lances bonitos. Palmas. Viseu intervém em três «verónicas» cingidíssimas. Santos corresponde à atenção de Viseu oferecendo-lhe também as banderilhas. O touro erranca-se como uma bala. Serelva brega bem, e Viseu crava um par enorme. Ovação. E Santos crava outro par bom, saindo «rebolado». Palmas. Viseu também é empurrado, e Santos faz o «quite» com as banderilhas. Outro bom par de Viseu. Palmas. Manuel dos Santos tenta outro par, sai perseguido, e o seu homónimo «Inteligente» manda tocar. O «diestro» da Golegã brinda ao público e começa lutando com o venlo e com o touro. Sem perder a capa, dobra-se bem com o touro, que «chuchua». Num «derechazo» é colhido sem consequências. A passes de «iron» embarca o touro e obriga-o a um natural. O homónimo volta a ordenar loque, mas o da Golegã insiste com valentia. Palmas. Volta à arena e chamada ao meio da praça.

O 5.º derrota nas tábuas e Gomes dobra-o. Simão desperta-o com um ferro, que cai, e crava bem nos «médios». Pede para mudar de cavalo e crava outra farpa boa. No centro, um curto bom. O touro quebra uma haste nas tábuas, e loca-se para recolher.

«Alé» oferece a farpa ao cavaleiro e ouve palmas em recordação do que fez na corrida anterior. Alberto Luís crava bem no centro geométrico do largo Afonso Pena. Outra farpa, resvalando o touro na execução. Uma arrancada, e uma farpa de recurso. Um curto bom, e outro idem, e outro melhor. Palmas. Uma pega difícil, com ajuda. Chamada a Alberto Luís, que agradece com o forçado.

Arrem-se «burlederos» e sai outro desembolado, «terciado». Diamantino abre-se de capa, mas o de Silve Vitorino investe sem lhe permitir luzimento, nem o Manuel dos Santos. Repete-se a cerimónia fraternal, e Santos crava um par bonito, e Viseu outro monumental, levantando os braços até à altura dos torreses. Brinde ao dr. Emilio Infente e começa por alto, ergulido, depois, por naturais. Ovação. Muda de mão e continua cingido e toureiro. Outra vez com e esquerdo. Um «molinete». Acaricia a testa do touro durante um século. Palmas. É repete, agitando, até olhando o público, e assim abandona a «muleta», e coloca uma bóina no touro e acaba por simular a morte

com a mão. Música. Ovação e volta à arena, indo Viseu por Santos, e aparecendo o «ganadero».

O último é bem loureiro à «verónica» por Santos. Palmas. Dois feróis. Palmas. Viseu lanceia de frente por detrás, tão parado que sofre um «pelotazo». Voltam a banderilhar «mano-a-mano» os dois «diestros» lusitanos, saindo Viseu em falso, com vista, e cravando depois, bem. Palmas. Outro par bom de Santos. Palmas. E outro melhor de Viseu, ficando os paus em pé e no alto. Manuel dos Santos aguenta a arrancada do touro em dois passes por alto. Palmas. Sofre dois «pelotazos» e continua com calma e vista, e gra bem a mão numa série de «naturales». Alinha e simula a morte com o mão. Palmas. Diamantino dá a volta, e pela primeira vez saem em ombros do Campo Pequeno dois portugueses, até à rua, do que alguns espanhóis se têm gabado sem fundamento.

Juízo crítico

O Sr. Francisco da Silva Vitorino mandou uma corrida com bom tipo e peso, cumprindo bem e acusando noutra cruz. Alguns apresentaram suas dificuldades, mas, em geral, deixaram-se tourear.

Simão da Veiga deu-nos no seu 1.º aquela alegria de que tem o condão e que faz vibrar o público em ovações compactas. Executou como só ele sabe a característica sorte de entrar pela esquerda e de voltar pela direita para cravar, e cravou todas as farpas e curtos no alto, formando todas preciosas «moñon». Numa destas sortes levantou toda a praça em delírio.

O seu 2.º inutilizou-se ao romper uma haste contra a barreira, mas depois de Simão ter cravado bons rojões.

Alberto Luís Lopes toureou com calma e inteligência, sabendo procurar os terrenos próprios, entrando e cravando bem. Mereceu aplausos e merece também o nosso. Os progressos que acusa permitem a esperança de consolidar a sua já boa posição.

Diamantino confirmou o seu êxito de Sevilha, adaptando-o ao gosto local com certos adornos que o público tem aplaudido a famosos «diestros» espanhóis. Banderilhando, estene colossal, levantando bem os braços, executando a sorte impecavelmente e cravando em todo o alto. Com a capa e a «muleta» aguentou brutalmente, cingindo-se e deixando que os touros o roçassem e colhessem. Manuel dos Santos, da Golegã, acompanhou-o de perto, adornando-se com a capa, banderilhando bem e «muleteando» com valentia. No dia em que vimos fazer em Espanha o que Diamantino fez em Sevilha, então convencer-nos-emos que temos dois «diestros» portugueses, os que ontem saíram do Campo Pequeno em ombros. Até lá temos apenas uma certeza, a de que Viseu é já um novilheiro de 1.ª fila em Espanha.

El Terrible Pérez



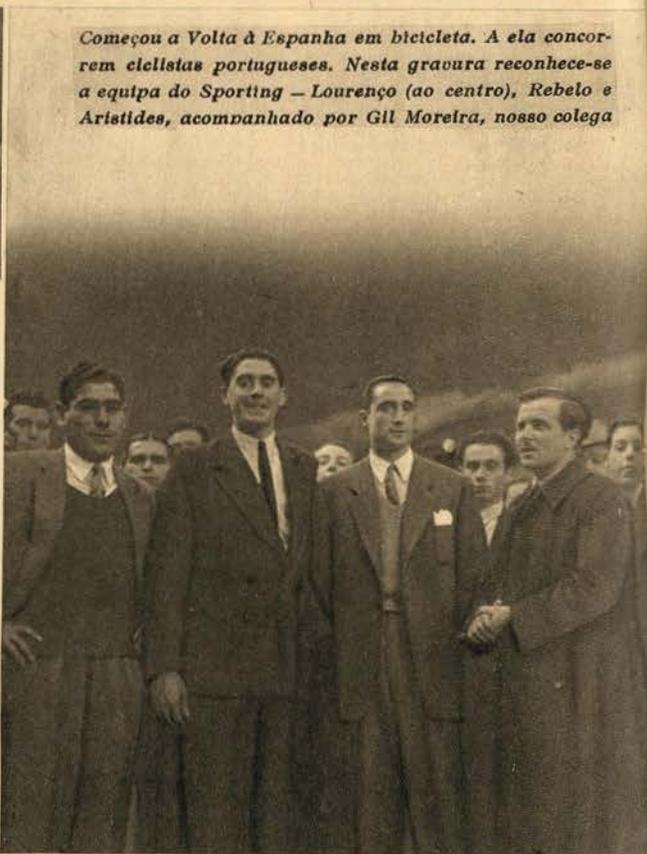
O Estoril Praia ganhou no domingo ao Portimonense por 7-2, após um desafio em que revelou superioridade. Nestas gravuras apreciam-se duas fases animadas da partida e a equipa do Portimonense, que se tem comportado na prova com certo merecimento



Disputou-se em Madrid o 2.º Portugal-Espanha em xadrez. A equipa portuguesa, ao sair do Rossio para o país vizinho, teve uma recepção amistosa



O Casalense F. C. comemorou no domingo o seu 32.º aniversário. À sessão solene presidiu o sr. dr. Manuel Carvalho, representante do sr. Governador Civil de Lisboa e estiveram presentes várias figuras do desporto lisboeta. Algumas senhoras assistiram à festa, a que deram a sua colaboração, angariando fundos para oferecer agasalhos a crianças



Começou a Volta à Espanha em bicicleta. A ela concorrem ciclistas portugueses. Nesta gravura reconhece-se a equipa do Sporting — Lourenço (ao centro), Rebelo e Aristides, acompanhado por Gil Moreira, nosso colega

Manuel Gonçalves, um rapaz que vende jornais no Campo Pequeno, é um admirável corredor de grande fundo. GANHOU no domingo a «Maratona», entre Lisboa-Cascais-Lisboa, com muito brilhantismo. Depois de Manuel Gonçalves, representante do Benfica, mas representante digno de muitos aplausos, classificaram-se Cândido Pinto, do Carcavelos e Artur Ferreira, do Belenenses, respectivamente. Ao lado direito, a passagem de Gonçalves junto dos Jerónimos





Stadium

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICAÇÕES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00